

ESTRATÉGIAS
SENSÍVEIS
HUMANIZAM
A ANÁLISE DOS
DISCURSOS DE
MULHERES NEGRAS



V SICCAL

[GT3 - FEMINISMO E RELAÇÕES ETNICORRACIAIS]

Ceres Marisa Silva dos Santos

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Juazeiro, BA

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Nesse artigo uso a proposta de Estratégias Sensíveis de Muniz Sodré, como categoria de análise, para estudar os discursos das postagens nas redes digitais de duas Ong's de mulheres negras brasileiras. É que a proposta permite uma observação mais apurada das especificidades narrativas desse grupo que, segundo o IBGE, chega a quase 30% da população do país e que precisa ser visto fora dos filtros e representações raciais. Argumento sobre a urgência da Comunicação, enquanto campo de conhecimento, promover mudanças epistemológicas no uso de ideias e teorias universalistas nos seus estudos visto que elas não contemplam as marcas culturais dos diversos grupos que formam a população brasileira. Nesse sentido, trabalho com conceitos e categorias como: raça, racismo, branquitude e feminismos negros e recorro a análise Crítica do discurso e as Estratégias Sensíveis, a comunicação digital, no Facebook, das Ong's Criola (RJ) e Instituto da Mulher Negra Odara, no período de 18.7 a 18.8 de 2017.

Palavras-chave: Estratégias sensíveis. Racismo. Discursos. Comunicação.

In this article, I utilize the concept of Sensitive Strategies by Muniz Sodré, as a category of analysis, to study the discourses of posts on the digital networks of two NGOs of Brazilian black women. The proposal allows for a more accurate observation of the narrative specificities of this group which, according to the IBGE, reaches almost 30% of the country's population, a group that needs to be seen outside the filters and racial representations. I argue that the urgency of Communication as a field of knowledge to promote epistemological changes in the use of universalist ideas and theories in their studies, as they do not include the cultural marks of the different groups that make up the Brazilian population. In this sense, I work with concepts and categories such as: race, racism, whiteness and black feminisms and use Critical discourse analysis and Sensitive Strategies, digital communication, on Facebook, of NGO's Criola (RJ) and Instituto da Mulher Negra Odara, in period from 18.7 to 18.8 of 2017.

Keywords: Sensitive strategies. Racism. Speeches. Communication.

En este artículo utilizo la propuesta de Estrategias Sensibles de Muniz Sodré, como categoría de análisis, para estudiar los discursos de los posts en las redes digitales de dos ONG de mujeres negras brasileñas. La propuesta permite una observación más certera de las especificidades narrativas de este grupo que, según el IBGE, llega a casi 30% de la población del país y que necesita ser visto fuera de los filtros y representaciones raciales. Argumento sobre la urgencia de la Comunicación, como campo de conocimiento, para promover cambios epistemológicos en el uso de ideas y teorías universalistas en sus estudios, ya que no incluyen las marcas

culturales de los diferentes grupos que componen la población brasileña. En este sentido, trabajo con conceptos y categorías como: raza, racismo, blancura y feminismos negros y utilizo Análisis Crítico del discurso y Estrategias Sensibles, comunicación digital, en Facebook, de las ONG Criola (RJ) e Instituto da Mulher Negra Odara, en el período del 18/07 al 18/08 de 2017.

Palabras clave: Estrategias sensibles. Racismo. Discursos. Comunicación.

Apresentação

Em 2007, quando conclui minha dissertação sobre *Mídia e educação: o discurso da imprensa no debate das ações afirmativas para negros/as*, um dado apurado pela pesquisa me incomodou e ainda me incomoda. E muito: a pesquisa, que procurou identificar em todas as publicações do ano de 2001, dos jornais Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, O Globo e A Tarde, a posição dessas mídias em relação a adoção de Políticas Afirmativas para ampliar a presença de negros/as nas universidades públicas brasileiras.

Para além de constatar que a pesquisa registrou um empate técnico entre textos favoráveis e discordantes da medida, pessoalmente, o grande mal estar foi o dado de que entre 345 entrevistas nós, as mulheres negras, só chegamos a 20 entrevistas, enquanto homens brancos, 222, sendo 187, com representação institucional e 35 não. Santos (2007, p.85) destaca, que as mulheres brancas entrevistadas foram 53, desse total 40 com fala oficial e 13 não institucional.

[Quadro 1] Gênero das fontes das matérias/notícias

Lugar/Gênero	O Globo	JB	FSP	A Tarde	Total/Gênero
Feminino (Institucional)	12	15	12	01	40
Feminino (Não oficial)	05	03	04	01	13
Masculino (Oficial)	50	72	45	20	187
Masculino (Não oficial)	13	14	06	02	35
Mov. negro (feminino)	05	04	04	07	20
Mov. negro (masculino)	07	05	13	08	33
Outras fontes	10	04		03	17
Total de entrevistados/as	102	117	84	42	345

Fonte – Quadro 17, da pesquisa elaborada pela autora

Esse dado desagradável, que pode ter várias leituras, a maioria, orientada pelo racismo estrutural, me motivou a desenvolver outros estudos, alguns recorrendo a Análise Crítica do Discurso (ACD) proposta por Teun Van Dijk que contribui para identificar o tratamento das mídias hegemônicas a grupos em processos históricos de exclusão. Porém, quando analiso o discurso das mulheres negras nas redes sociais, em especial, as postagens do Facebook do Instituto Odara (BA) e Ong Criola (RJ)¹, em 2017, constato que essas narrativas, além de terem, em termos de conteúdos, uma relação direta com muitos dos pressupostos dos feminismos negros, tanto de denúncia como propositivos, que trataremos mais adiante, transportam uma carga excessiva de um amálgama de sentimentos diversos.

Esses sentimentos variam de solidariedade, acolhimento, revolta, reafirmação da auto estima na ancestralidade, enfrentamento do racismo, machismo, homofobia; valorização do axé, a mudanças epistemológicas e proposições para um outro modelo de sociedade, por exemplo, que contemple a decolonialidade e o Bem Viver. Mas essas variações do campo do sensível pularam dos textos quando fiz análise crítica dos discursos das publicações dessas Ong's. O sinal de alerta não parou de piscar até que optei por usar a proposta de Estratégias Sensíveis elaborada por Muniz Sodré como categoria de análise. Foi aí que o sensível transbordou, reafirmando o equívoco racionalista de separar a razão da emoção.

¹ O período de coleta e análise das postagens no Facebook foi de 18.7 a 18.8 de 2017.

E para tratar dessa possibilidade, de identificar os sentimentos, as emoções nas publicações das Ong's Odara e Criola no Facebook dividi esse artigo em três partes: na primeira etapa, trabalho com o conceito de Estratégias Sensíveis e categorias como raça, racismo, branquitude e feminismos negros. Trato também da metodologia usada na pesquisa. Na segunda etapa, faço um breve perfil das Ong's Odara e Criola e na terceira apresento dados da análise das postagens no período de 18.7 a 18.8 quando as duas Ong's postaram 82 textos, sendo Odara, 61 e o restante, 21, Criola. Esse artigo é um recorte da minha tese de doutorado, apresentada na ECA/USP, em 2020, sob o título *A comunicação afrodiaspórica decolonial de mulheres negras brasileiras de quatro coletivos nas redes digitais*.

Estratégias Sensíveis como categoria de análise

Mesmo que meu estudo seja apenas um recorte do amplo universo da comunicação de mulheres negras brasileiras nas redes digitais, essa produção de narrativas tem como principal fonte geradora algumas especificidades, mutilações alimentadas por séculos de exclusão que na sua essência está a negação da humanização dos/as africanos/as, forçosamente retirados/as do continente africano para nutrir e sedimentar um processo de colonização, alicerçado por, exemplo, pela hierarquização das raças e o da ideia de supremacia eurocêntrica.

Não por acaso esse modelo de dominação colonizadora, no qual o racismo opera

como estruturante, nocauteou, segundo Moore (2005) a dignidade humana. O direito de se ter sentimentos. Mas também, gerou e continua gerando patologias que atingem tanto as pessoas dos grupos dominados como dos dominadores. Collins (2019), é uma escritora que por sua sensibilidade consegue exemplificar o impacto dessa brutalidade ao evidenciar a fala da Sethe, uma personagem do livro *Amada*, da escritora negra norte-americana Toni Morrison, a seu amigo Paul D. Paul (já liberto), sobre o que sentiu ao sair da condição de escravizada.

Vejam que esse exemplo nos remete a um passado de singularidades que, por exemplo, motivou a criação da Imprensa Negra, uma reação ao racismo, cujo primeiro registro é o jornal carioca O Homem de Cor, que teve a sua primeira edição, em 1833. A negação do que é normal da humanidade aos/as africanos/as escravizados/as na diáspora, como um dos mecanismos do sistema de dominação, promoveu e mantém várias interdições, a exemplo dos direitos ao amor e a fala. Mas, são essas obstruções que na atualidade, são combustíveis para uma produção discursiva nas redes digitais de mulheres negras. Sendo essas narrativas veículos de conteúdos de enfrentamento e superações dessas barreiras, onde o sensível se faz presente, insistentemente.

O conceito de Estratégias Sensíveis, cunhada Sodré (2016) usado como categoria de análise, permite observar sentimentos como a solidariedade e esperança, presentes nas produções comunicacionais do movimento das mulheres negras diaspóricas brasileiras, e formulem suas reivindicações. Para além da 'racionalidade', nota-se que o ativismo das mulheres negras,

é entrelaçado por ações emotivas. hooks (2006), a partir do amor, aponta para vários pontos que emergiram como reações ao desamor.

A proposta de Sodré (2016) reflete uma crítica não só a dicotomia razão e emoção, mas a urgência de uma revisão das pesquisas no campo da Comunicação “capaz de liberar o agir comunicacional das concepções que o limitam ao nível de interação entre forças puramente mecânicas e de abarcar a diversidade da natureza das trocas” (SODRÉ, 2016, p. 12).

O autor concebe as Estratégias Sensíveis como um jogo possível que vincula os “atos discursivos às relações de localização e afetação dos sujeitos no interior da linguagem”, (SODRÉ, 2016, p.10). Nessa linha de raciocínio, o autor defende que a comunicação pode se efetivar a partir de uma interação harmônica envolvendo o eu com quem eu falo, e vice-versa, para além da transmissão de uma informação, mas reconhecendo as subjetividades presentes nessa comunicação.

Por isso, o autor ressalta que a dimensão do sensível sugere a constituição de estratégias que possibilitem a aproximação das diferenças, um tipo de “ajustamento afetivo, somático, entre partes diferentes num processo –, fadada à constituição de um saber que, mesmo sendo inteligível, nada deve à racionalidade crítico-instrumental do conceito ou às figurações abstratas do pensamento” (SODRÉ, 2016, p. 11). Paiva (2021) contribui na conceituação quando destaca que é:

“a partir desse *sensorium*, que consensualmente caracteriza o mundo atual,

a partir principalmente da produção midiática, caracterizada como um “bio-midiático” por Muniz Sodré (2007), seja possível utilizar narrativas e estruturas sensibilizadoras, no intuito de reverter o quadro atual de um pensamento educacional único, assentado exclusivamente na racionalidade da escrita” (PAIVA, 2021, p. 87).

Na construção das Estratégias Sensíveis, Muniz Sodré faz uma imersão no pensamento filosófico de vários autores, a exemplo de Espinosa, Descartes, Damásio, Aristóteles e Kant para sedimentar sua proposição que exclui a oposição entre razão e afeto. Reforçando a proposta, o autor afirma que é inaceitável a continuidade do descompasso entre a maioria das pesquisas no campo da Comunicação “guiada pela discursividade linear e sequencial – e a nova racionalidade inerente às tecnologias da informação”, (SODRÉ, 2016, p.12).

Para o autor “dentro do movimento de fusão progressiva da vida com a tecnologia, toma-se também muito evidente hibridização da *techné* (a reboque do capital) com a *aisthesis*, com riscos paralelos de conversão de toda a vida em emoção controlável”, (SODRÉ, 2016, p.13). Em Estratégias Sensíveis, o autor fez distinção entre emoção e paixão. Para ele, as emoções se associam ao que ocorre em um determinado momento e se relacionam às interações entre corpo e mente. Já a paixão, tem semelhanças com a emoção, mas diz respeito a “um estado emocional continuado ou durável, portanto, mais persistente do que o instantâneo abalo anímico da emoção” (SODRÉ, 2016, p. 31).

Nesse sentido as emoções se manifestam nas redes comunicacionais, e se apresentam nas construções da comunicação e do pensamento afrodiaspórico decolonial das mulheres negras, ou na intervenção comunicacional das entidades de mulheres negras brasileiras estudadas nessa pesquisa. Assim, aplicar a ideia de Estratégias Sensíveis como categoria de análise amplia, como uma lupa, a capacidade de visualizar e compreender as experiências registradas nas redes sociais (Facebook) vivenciadas por essas mulheres.

Me associo às reflexões de Almeida (2018) e Oliveira (2021), sobre o impacto do racismo estrutural e sua proliferação nas Américas, associado à imposição do colonialismo, a partir do século XV, de regras, que se atualizam no tempo por meio da hierarquização dos corpos a partir da pigmentação das peles. É essa classificação que opera como uma senha² para o acesso ou exclusão a estruturas sociais, públicas e privadas. A cor da pele ainda é determinante para o não acesso ao trabalho remunerado.

Para Almeida (2018) o racismo estrutural opera dentro de regras que normatizam as relações em uma determinada sociedade e se efetiva institucionalmente já que, para ele, são as instituições públicas as que tem a excelência em reproduzir o que lhe é inerente, indissociável e de existência prévia. Sendo assim “as instituições são

apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um dos seus componentes orgânicos” (ALMEIDA, 2018, p. 47).

Mesmo não sendo as raízes centrais do racismo estrutural, são elas, as instituições, as responsáveis pela sua continuidade e retroalimentação de normas que promovem o privilégio e exclusão de determinados grupos, segundo critérios raciais de cada sociedade. Oliveira (2021, p. 65) destaca que é preciso entender o racismo estrutural como “produto de uma estrutura sócio-histórica de produção e reprodução de riquezas. Portanto, é na base material das sociedades que se devem buscar os fundamentos do racismo estrutural”.

É nesse movimento de inserção e obstrução de grupos sociais que os privilégios se robustecem, a exemplo da branquitude, aqui entendido, segundo Bento (2002) como “um lugar de privilegio racial, econômico e político, no qual a racialidade, não nomeada como tal, carregada de valores, de experiências, de identificações afetivas, acaba por definir a sociedade”. Para Cardoso (2011), a branquitude ou identidade racial branca se constrói e se reconstrói e é influenciada tanto no âmbito local como no global a partir da sua fácil adaptação às realidades. Nesse sentido, nem é homogênea nem estática. Segundo Cardoso (2011, p.81) “a branquitude permanece significando poder. A identidade racial branca é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos e materiais palpáveis que colaboram para reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e o do racismo”.

Já Frankenberg (2004) entende que a branquitude opera como um expediente

² Escrevo esse artigo em meio as denúncias de racismo em uma loja da internacional marca Zara, na qual a Polícia identificou o uso de ‘senhas’, ‘códigos’ entre os seguranças dos estabelecimentos para impedir entrada de clientes negras/as. Vide: <https://noticias.uol.com.br/colunas/andre-santana/2021/10/21/codigo-zara-zerou-revela-pratica-institucional-do-capitalismo-racista.htm?cmpid=copiaecola>.

que brancos/s recorrem para manter seus privilégios. Por isso, defende que a superação dessa prática é o caminho possível para nocautear as relações de poder hierarquizadas pelo racismo. A autora demonstra que a construção da imagem do 'outro' tem servido para legitimar processos de colonização associando a imagem do 'branco' com o poder.

Uma categoria essencial para essa pesquisa é a de feminismos negros, que também denomino de pensamento afro-diaspórico decolonial de mulheres negras, que emerge da práxis de mulheres negras na diáspora. Na verdade, os feminismos negros se constituem em uma perspectiva emancipatória e de resistência às normas regulatórias do colonialismo. Essa proposta defende a produção do conhecimento fora do padrão eurocêntrico, mas inserida em uma lógica de pluralidade epistemológica e de diversidade de cosmovisões de mundo.

Pode ser usado no singular, feminismo negro, ou no plural, feminismos negros, por conta da não existência de uma unicidade ou disposição de tornar-se universal. Tanto que Santos (2007b) identifica, pelo menos, cinco tipos de feminismos negros: o africano, o afro-latino americano, o afro norte-americano, o das negras britânicas e o afro caribenho como formadores do pensamento afrodiaspórico decolonial de mulheres negras.

Importante salientar que os feminismos negros têm uma convergência com um emaranhado de ações em processo de revisão e de formulação de outra episteme, a feminista negra, onde as mulheres negras sejam as produtoras de conhecimento, sobre si próprias. Nessa linha, podemos

citar, pelo menos duas intelectuais negras: Lélia Gonzalez (1988) e Patrícia Hill Collins. A primeira, foi pioneira em registrar críticas ao movimento feminista branco e hegemônico. Gonzalez (1988) cunhou a categoria política e cultural, "amefricanidade", para definir um tipo de feminismo que contemplasse a diversidade das populações latino americanas e em especial as mulheres negras, indígenas e americanas. Essa proposta se alicerça na solidariedade, fruto de uma existência comum.

De Collins (2016) ressalto duas das três políticas que ela destaca como chaves dos feminismos negros: a autodefinição e a autoavaliação das mulheres negras que contrapõem o que é produzido por elas, com o que é registrado sobre elas. Essa produção de falar de si provoca um deslocamento pelo qual a autodefinição é um desafio às estruturas que reforçam imagens, representações e estereótipos das mulheres negras. Por isso, Collins (2016) compreende que a autoavaliação substitui essas práticas por outras, originais e formuladas por mulheres negras, a partir da construção de uma definição de si.

Em termos metodológicos, para produzir esse artigo, apliquei as Estratégias Sensíveis como categoria de análise das matérias do Instituto Odara e Ong Curiola, mas foram necessárias aplicar outras metodologias e métodos, como recorrer a pesquisa quanti qualitativa para a coleta de dados no meio digital (Facebook) e a Análise Crítica de Discurso (ACD). Segundo Van Dijk (2015) a ACD não é uma proposta neutra pois sua intencionalidade é de produzir conhecimento e contribuir com os movimentos sociais, com os ativismos de grupos historicamente excluídos. Também recorri

a amostragem aleatória simples de 10% para selecionar as matérias analisadas de cada uma das duas Songs. Sendo assim, analisei sete matérias do Instituto Odara e três da Criola.

A ACD insere, em suas análises, a dimensão cognitiva e o contexto, ou seja, associa questões cognitivas e sociais, o texto, com as suas diferentes estruturas discursivas (jornalístico); e a microestrutura, as relações que aparecem em um texto e responsáveis por dar sentido entre as frases e a macroestrutura, como a compreensão que os/as usuários/as de texto entendem, armazenam e se recordam dos textos. No caso desse estudo, a ACD serviu para a compreensão dos textos produzidos dentro de uma lógica contra hegemônica.

Odara e Criola: ativismo de uma engrenagem epistemológica

O violento processo de colonização da população negra no Brasil forçou a atuação de forma coletiva e associativa das mulheres negras. Aliás, uma das poucas alternativas disponíveis por essas mulheres no país e na diáspora. Não por acaso Carvalho (2006) informa que há registros de irmandades negras, no país, bem antes da Abolição da Escravatura (1888) a exemplo da Irmandade da Morte (Cachoeira-BA). Essa longa caminhada até a atualidade compõem a formulação dos feminismos negros, que formulam um pensamento afrodiaspórico e decolonial de mulheres negras.

Santos (2009) chama a atenção para a diversidade de ideias e de organizações Santos (2009) que ela denomina de perspectiva racial de gênero: singularidades resultantes de uma condição de opressão marcada por intersecções a exemplo de raça, gênero, classe e sexualidade. Aliás, essas especificidades geraram uma fratura no movimento feminista hegemônico brasileiro e no Movimento Negro, nos anos 70 do século XX, dentro e fora do país, originando os feminismos negros.

A autora destaca o caráter associativista de mulheres negras na atualidade como o que dá sentido às lutas em curso, numa recriação decorrente da continuidade das exclusões. É nesse contexto que surgiu em 1992, a instituição Criola, criada por um grupo de mulheres negras, no Rio de Janeiro (capital) para defender e promover os direitos das mulheres negras; construir uma sociedade que respeite valores humanos como justiça, solidariedade, equidade e Direitos Humanos.

A missão da Criola é desenvolvida há quase 30 anos como um mantra: “instrumentalizar mulheres, adolescentes e meninas negras para o enfrentamento ao racismo, sexismo, lesbofobia e transfobia”. Na missão também consta que a instituição atua “para o desenvolvimento de ações voltadas à melhoria das condições de vida da população negra e das mulheres negras em especial”.

Ao longo da sua existência Criola tornou-se como uma das Ong's de mulheres negras de referência tanto nos cenários nacionais como no internacional. Em 2017, Criola criou a Rede Nacional de Ciberativistas, para ser mais uma ação em

defesa dos direitos das mulheres negras e executar iniciativas estratégicas de comunicação rápidas e através do ciberativismo.

Por sua vez, o Instituto da Mulher Negra Odara é de 2010 e é fruto de um consórcio de cinco organizações feministas de mulheres negras baianas: N'zinga (Coletivo de Mulheres Negras), Uniart Associação Renascer Mulher, Obirinlá e Sou Divina. A iniciativa é para contribuir na superação da discriminação e do preconceito e para a inclusão sociopolítica e econômica das mulheres negras. Odara tem uma direção e coordena uma articulação regional de Ong's de mulheres negras e integra a Associação de Mulheres Negras do Brasil (AMNB), que reúne 27 instituições de mulheres negras de todo o país.

A entidade foi uma das responsáveis pela organização da 1ª Marcha Nacional das Mulheres Negras, ocorrida em 18 de novembro de 2015, em Brasília e que contou com mais de 30 mil mulheres de todos os estados brasileiros, além de ativistas africanas, latinas e caribenhas. Já na Bahia, é responsável pela Marcha das Mulheres Baianas.

Ambas as entidades têm preocupação com a área de comunicação. Odara, por exemplo, tem conta site e contas no Facebook e Instagram, essa área é, politicamente estratégica. Odara difunde conceitos, proposições políticas voltadas para a organização das mulheres negras, dentro e fora do ciberespaço; promove cursos para a formação de jovens comunicadoras populares, recorrendo a Educom e etc. O Instituto se movimenta das redes digitais, pratica o ciberativismo e também se articula fora desse espaço. Inclusive, Odara criou a Agência Yalodês- Negras Jovens Comunicadoras fazem produtos comunicacionais em diversos formatos e linguagens como: **web**, impresso, para fotografia e audiovisual cujos temas são descartados pela mídia tradicional, mas de interesse de jovens e de comunidades negras.

Já Criola, também dispensa atenção especial a Comunicação. Tem site e contas no Facebook e Instagram e desenvolve tem vários projetos, a exemplo do Racismo Virtual, criado em 2005 e que funcionou como um observatório para identificar a origem de postagens racistas, recorrendo a uma ferramenta chamada de **Geotag**. Assim que algumas postagens eram identificadas Criola instalava **outdoors** com **prints** das menagens nos bairros de onde partiram os textos. E em 2017 criou a Rede Nacional de Ciberativistas, em defesa das mulheres negras para estimular ações no campo dos direitos das mulheres negras e para a execução de ações mais rápidas e pontuais por meio do ciberativismo, potencializando estratégias de comunicação em contra a discursos hegemônicos da grande mídia. Ambas as instituições tem ação dentro e fora do país, com participação decisiva em vários momentos da história do movimento de mulheres negras brasileiras.

Dados da pesquisa

No período de 30 dias, de 18.7 a 18.8 de 2017, localizei 61 postagens do Instituto Odara em sua conta do Facebook. Os textos e vídeos foram postados em 15 dias. O material, recebeu 2.334 curtidas e 190 compartilhamentos. Já Criola, no mesmo período, fez 21 postagens em nove dias, teve 1.034 curtidas e 237 compartilhamentos. Conforme já informei recorri à amostragem aleatória simples de 10% do total das matérias e vídeos postados por cada uma das duas Ong's. Sendo assim, analisei seis postagens do Odara e duas da Criola. As análises geraram esses dois quadros:

[Quadro 2] Análise do material comunicacional, no Facebook, do Instituto Odara³

- As postagens selecionadas do Instituto Odara demonstram o alinhamento político e ideológico com a agenda do ativismo de mulheres negras, brasileiras e latino-americanas;
- Os textos são fragmentos de discursos contra hegemônicos e enfatizam a necessidade de fortalecimento do movimento;
- Há um transparente e insistente preocupação com as discussões sobre identidades e sexualidades e, também, estética negra;
- Nota-se que os textos são dirigidos a um grupo que já conhece e dialoga com a instituição;
- O item comunicação, como área de atuação, pouco aparece nas postagens selecionadas para análise;
- Há uma presença marcante de ações voltadas para, ou com jovens negras de acolhimento e solidariedade;
- Há referências ao Bem Viver, mas nenhuma postagem sobre o tema.

3

Esse quadro é parcial e originalmente está na página 22 da tese *A comunicação afrodiaspórica decolonial de mulheres negras brasileiras de quatro coletivos nas redes digitais*.

[Quadro 3] Análise do material comunicacional, no Facebook do Ong Criola⁴

- As análises das publicações no Facebook da Criola apontam para a incidência do enfrentamento da violência policial nas favelas do RJ nas postagens;
- Incidência do tema violência doméstica;
- Denúncia permanente do racismo e sexismo; execução de projetos que recorrem à linguagem do audiovisual, como o documentário Enquanto viver, luto, vídeos sobre jovens negras e as tecnologias, para denunciar exclusões e provocar novas alianças;
- Outros temas, que também fazem parte da agenda dos feminismos negros, aparecem nos contradiscursos como sexualidades, autoestima, genocídio da juventude negra e educação;
- Há uma preocupação com a solidariedade e acolhimento de mulheres atingidas, de alguma maneira pelas diversas práticas de violência.

4

Esse quadro é parcial e originalmente está na página 277 da tese *A comunicação afrodiaspórica decolonial de mulheres negras brasileiras de quatro coletivos nas redes digitais*.

Considerações finais

Constato que a aplicação do conceito de Estratégias Sensíveis, como categoria de análise, associada a Análise Crítica do Discurso, foi de grande importância para a identificação dos afetos nos discursos de mulheres negras brasileiras das Ong's Odara e Criola nas postagens (textos e áudios) no Facebook de 18 de julho a 18 de agosto de 2017. Pois, mesmo presente na maioria das postagens, a exemplo das *hashtags* **#JuhodasPretas** e **#ParemdeNosMatar** os afetos ficava subsumido.

Nesse sentido, as Estratégias Sensíveis, refinou a percepção para a identificação das questões que tratam do sensível e sua efetivação nas narrativas textuais e audiovisuais.

Como exemplo, cito a última linha de uma das matérias de Criola, postada em 24 de julho de 2017: “...Todos os eventos serão disponibilizados no **Facebook**, que também fará uma homenagem a 100 mulheres negras”. Vejam que 100 mulheres foram condecoradas como uma forma de reconhecimento, demonstração de afeto, solidariedade pelos seus ativismos. De forma mais ampla, constatei que o tema dos afetos era invisibilizado nas postagens da Odara e Criola.

Observei que os produtos midiáticos analisados são condutores de discursos que podem ter, no mínimo, duas funções: a de promoção e organização das mulheres negras e que essa comunicação é uma ação contra hegemônico à ação refrataria da grande mídia. Daí ser um ciberativismo. Chamou a minha atenção constatar um

alinhamento, uma identidade narrativa das postagens de Odara e Criola com a agenda do ativismo de mulheres negras, brasileiras e latino-americanas, mesmo em um grande universo de ações do movimento.

Sobre questões temáticas observei que os temas priorizados no material da amostra do Instituto Odara foram questões geracionais, onde o grupo de jovens negras teve atenção diferenciada e ressaltou assuntos sobre identidades, estética negra e sexualidades. Essas ações marcam um momento singular do Movimento de Mulheres Negras pois até então, notava-se um certo silenciamento sobre essas questões, mesmo sendo uma reivindicação antigas das mulheres lésbicas do movimento de mulheres negras.

O outro tema, presente na comunicação do Odara é o da estética negra, que emerge como uma revisão discursiva e com conotação política e identitária. Nesse sentido, Odara se identifica com ideias dos feminismos negros, de reconhecer as experiências cotidianas das mulheres negras, em um momento em que é diário os crimes de lesbofobia e feminicídio.

Já Criola priorizou dois temas: violências policial e doméstica reforçando sua identidade com temas emergentes e regionais dos movimentos populares e periféricos da cidade do Rio de Janeiro, que convivem com uma política de segurança pública baseado na necropolítica. Resultado são registros de violências policiais interrompendo maternidades, promoção do genocídio da juventude negra, além do aumento da violência doméstica e de vítimas por feminicídio.

Um outro dado que emergiu da pesquisa diz respeito a periodicidade das postagens. Esse é complexo e polêmico, pois a inconstância nas postagens coloca por terra a possibilidade de análise dessa questão a partir, apenas, dos modelos usados, tradicionalmente, na grande mídia.

Nota-se que as postagens de Odora e Criola em 30 dias não foram diárias. A primeira postou 61 textos/imagens em 15 dias, enquanto Criola fez 21 postagens em nove dias. O dado interfere nos critérios de periodicidade nas publicações de informações no **Facebook** e aponta para a necessidade de uma outra pesquisa já que as motivações podem ter várias origens. A princípio sabemos que essa descontinuidade sinaliza para o fato de que os critérios de periodicidade nas publicações das duas Ong's não se assemelham a grande mídia pois a comunicação dessas Ong's se depara com barreiras, algumas geradas pela precarização do trabalho, por exemplo.

Para encerrar Odora e Criola têm discursos e ações políticas mais incisivos nas questões de raça, gênero, classe e sexualidade, pauta essa alicerçada nos feminismos negros.■

[CERES MARISA SILVA DOS SANTOS]

Ativista dos movimentos Negro e de Mulheres Negras; Jornalista, doutora em Comunicação pela ECA/USP, Mestre pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), docente no curso de Jornalismo em Mídias da UNEB, campus Juazeiro/BA, integrante do Grupo de Estudos do CELACC e coordenadora do Grupo RHECADOS (Hierarquizações Étnico-raciais, Comunicação e Direitos Humanos). E-mail: ceresantos3@gmail.com

Referências

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Pólen, 2018.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. (Tese de doutorado), São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, 2002. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/publico/bento_do_2002.pdf>.

CARVALHO, Marcos. **Gaiaku Luiza e a trajetória do Jeje-Mahi na Bahia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

CARDOSO, Lourenço. **O Branco-Objeto**: o movimento negro situando a branquitude. In. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, jan.-jun., 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18706>>. Acesso em: 25 de out 2021.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Editora Boitempo, 2019, p. 255-289.

FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquitude não-marcada. In WARE, Vron, (Org.). **Branquidade** – identidade branca e multiculturalismo. Centro de Estudos Afro-Brasileiros, Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004, p. 307-338.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, In: 92/93, jan/jun, p. 69-82, 1988. Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>>. Acesso em: 15 de out 2021.

MOORE, Carlos. Do marco histórico das políticas de ações afirmativas – perspectivas e consideração, in **Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas**. Coleção Educação para todos. Brasília. MEC e Unesco, 2005.

OLIVEIRA, Dennis. **Racismo estrutural**. Uma perspectiva histórico crítica. Dandara Editora, 2021.

PAIVA, Raquel. A comunicação comunitária e a utopia freireana, In: **Comunicação Comunitária**: 30 anos em luta e construção coletiva. SILVA, Denise Terezinha da, BASTOS Pablo Nabarrete, MIANI, Rozinaldo Antonio e SILVA, Suelen de Aguiar (ORG). Intercom, 2021, p.77 a 100.

SANTOS, Ceres. **A comunicação afrodiaspórica decolonial de mulheres negras brasileiras de quatro coletivos nas redes digitais**. 2020. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-24022021-153915/publico/CeresMarisaSilvadosSantosVC.pdf>.

SANTOS, Céres. **Mídia e educação**: o discurso da imprensa no debate das ações afirmativas para negros/as. Dissertação (Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação). Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), 2007a.

SANTOS, Sonia Beatriz dos. As Ong's de mulheres negras no Brasil. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 12, n. 2, jul/dez, 2009, p. 275-280.

SANTOS, Sonia Beatriz dos. Feminismo negro diaspórico. **Revista Gênero**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2007. p. 11-26.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis, afeto, mídia e política**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e poder**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.